



O ADVENTO DA ASSISTÊNCIA EM BELLO HORIZONTE: “A FINA RODA DE DISTINCTOS SPORTMEN E GENTIS SPORTWOMEN” (1904-1915)

SOUZA NETO, Georgino Jorge de¹

Resumo:

Este trabalho trata da percepção sobre os primeiros movimentos “torcer”, em Belo Horizonte. A discussão apresentada refere-se ao primeiro capítulo da dissertação de Mestrado intitulada “A Invenção do Torcer em Bello Horizonte (1904-1930)”. Aqui, tencionou-se investigar o torcer nos primeiros anos do futebol na capital. Foi possível identificar uma assistência elitista, ao longo da primeira década do século passado. Após 1910, no entanto, o acirramento da competição e a apropriação do esporte por sujeitos distantes da fina flor da sociedade belo-horizontina, começaram a forjar as bases de um sentimento de afeição mais arraigado, que se constituiria no chamado “pertencimento clubístico”.

A construção histórica do “torcer” em Belo Horizonte

Foi em um ambiente emblemático e singular que o esporte e o divertimento ocuparam uma demanda social específica atrelada às novas exigências da recém criada capital do Estado de Minas Gerais. Neste sentido o futebol, quer como prática, quer como fruição, revestiu-se de significativa importância na dinâmica da nova cidade. Segundo a pesquisadora Marilita Rodrigues, “as atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto aqui como na Europa, um lazer civilizado”².

A constituição de novos hábitos, em uma cidade planejada e construída sob o ideário da modernidade, perpassa pela necessária compreensão da tensão estabelecida entre o embate de práticas sociais originais em um espaço ocupado por sujeitos educados em meio a valores tradicionais e conservadores. Neste aspecto, em particular, a historiadora Letícia Julião esclarece:

[...] Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. [...] Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo que oferecia espaços adequados e atraentes para

¹ Professor da Universidade Estadual de Montes Claros

² RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 240.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos.³

Esses novos modos de viver a vida se davam em múltiplos espectros da dinâmica social, mas é notadamente no tempo destinado à vivência das festas e diversões que o “moderno” vai se estabelecendo.

Se estudos que abordam a história do futebol na capital mineira, como os de Raphael Rajão e Marilita Rodrigues⁴, apontam na direção de uma apropriação desta prática esportiva nos seus primeiros anos pela elite social e econômica da cidade, as fontes nos indicam que é também essa mesma elite que se incorpora do hábito da assistência. No cenário das partidas de futebol passava a ser cada vez mais comum a ocorrência de um público assistente, inicialmente constituído sem nenhuma vinculação afetiva com um ou outro clube de futebol.

Em um campeonato organizado ainda em 1904, era possível perceber que as pessoas iam a campo não para torcer por um determinado time, mas sim para se situar em uma importante posição social: a dos *sportmen* e *sportwomen*, que tinham como marca indelével o amor ao esporte, notadamente o futebol. Na partida entre o Plínio Foot-Ball Club e o Sport Club Foot-Ball, a nota do *Minas Geraes* assim chamava a atenção dos leitores: “Hoje os amadores do Foot-Ball⁵ vão ter ensejo de apreciar um bem organizado *match* entre os *clubs* Plínio e Sport. Dada a força de ambos os contendores, a partida de hoje vai ser interessante e muito disputada. [...]”⁶. Nota-se que a ênfase estava em “amar” o futebol, e não necessariamente um clube. A assistência se efetivava, assim, como um importante espaço público de convivência, reverberando a constituição de um modo de vida “smart”, exigência imprescindível para a penetração no seio de uma nova ordem social.

Sobre isto, é esclarecedora a fala de Euclides de Freitas Couto, ao afirmar que:

Desde seus primórdios em Belo Horizonte, o futebol despontou como um esporte seletivo. As primeiras partidas disputadas no Parque Municipal, lugar freqüentado pelas elites locais, já demonstravam o caráter restritivo da sua prática. Entre os anos de 1904 e 1915, paralelamente ao ciclismo, o futebol ganhava praticantes e espectadores. As partidas realizadas nos finais de semana eram acompanhadas por uma assistência bem vestida e comportada que aplaudia de forma comedida, os lances mais emocionantes. Entretanto, os

³ JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 66, 67. p. 49-118.

⁴ Cf. RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007; RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

⁵ Grifo nosso.

⁶ MINAS Geraes. Seção Festas e Diversões, p. 3 – 27 out. 1904.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

primeiros jogos da cidade, realizados no Parque Municipal eram eventos isolados, restritos aos frequentadores daquele lugar.⁷

Refletir um estilo de vida alinhado com uma fremente e inédita possibilidade, habitada na modernidade, seduzia (e induzia) às pessoas imersas na cultura urbana da nova cidade. O esporte se constituiu no propício espaço para o desenvolvimento de novas condutas, a apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades européias, sobretudo Paris.

Belo Horizonte, ainda que preservando aspectos singulares da sua formação, não fugiu à tentativa de instituição de hábitos que fossem condizentes com o padrão civilizatório da modernidade; e neste sentido, os usos do tempo eram distintivos de um *status*, bem como se tornavam indicativos de pertencimento. Eric Hobsbawm, em *A Era dos Impérios*, aponta como um dos critérios identificáveis de um status burguês, ou de pertencimento a esta classe, a apropriação de uma atividade ociosa, especialmente a nova invenção, o esporte.⁸

A associação de uma vida social mais intensa e pública (possibilitada no futebol) com um incremento das relações pessoais, acabava por legitimar o discurso do esporte como um elemento social desejável. Assim, jogar e assistir o futebol em Belo Horizonte se tornava, cada vez mais, um hábito incorporado socialmente, chegando a ser rotulado como a “mania do ‘foot-ball’ ”⁹.

O aparecimento do novo não se instituiu sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, o assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam¹⁰ demarcava claramente esta percepção, narrando a sua impressão ao assistir a uma partida de futebol pela primeira vez:

[...] E a voz de Bicudo surpreendeu-me: - que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi ... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. – Nem eu, acrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando comentários, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam pontapés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um ‘foot-baller’ e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquilo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de

⁷ COUTO, Euclides de Freitas, Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927) In: Simpósio da Associação Nacional de História. 24. 2007, São Leopoldo-RS. *Anais...* Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Euclides%20de%20Freitas%20Couto.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2009.

⁸ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 245.

⁹ A EPOCHA. Belo Horizonte, p. 2, 30 out.1904.

¹⁰ Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

D. Quitéria: - Neste mundo ha cada uma... - Que até parecem duas -, acabei eu.¹¹

A noção de divertimento perpassava intensamente o universo que circundava a prática do futebol. Na tentativa de consolidação do esporte, a presença de um público assistente representava algo fundamental. Assim, desde os primeiros movimentos, iniciativas para atrair as pessoas aos campos foram estabelecidas. E estas passavam necessariamente pela lógica da diversão.

É notório, aliás, o caráter festivo, deliberadamente posto no fenômeno esportivo, como característica marcante da modernidade. Assistir às partidas de futebol significava a apropriação de um divertimento público, onde se podia ver e ser visto. Ainda que embrionariamente, o espetáculo esportivo começava a ganhar contornos que seriam cada vez mais estruturados, condicionados a uma nova ordem social e econômica.¹²

Como elemento constitutivo de um corpo de hábitos inseridos na lógica de modo de vida moderno, as práticas de divertimento se reconfiguravam na passagem do século XIX para o XX. Como sinaliza Victor Melo, “[...] o desenvolvimento do campo esportivo no Brasil esteve relacionado com sua possibilidade de se constituir em uma diversão, em um país ainda carente de iniciativas nesse sentido”¹³. Para o autor,

Nesse momento, notadamente nas maiores cidades brasileiras, no contexto da influência da *belle époque* no nosso país, gesta-se mais claramente os primórdios de um mercado de lazer e entretenimento, em uma sociedade que começava a valorizar as vivências públicas de divertimento.¹⁴

Nos periódicos investigados no primeiro momento do futebol em Belo Horizonte, não foi possível perceber nenhum comportamento que indicasse, por parte do público assistente, um vínculo afetivo com algum clube. Assim, o termo “assistência” era literalmente adequado aos frequentadores dos campos de futebol. Outro termo de similar significado, utilizado pelos jornais, é a chamada “concorrença”, ou ainda “concurrência”, como forma de designar as pessoas presentes às partidas de futebol. “Apreciadores”, “amadores” e “espectadores” também representavam, de forma menos recorrente, a platéia assistente.

Assistir, concorrer, frequentar, apreciar. Independentemente de como os jornais refletiam o público ao redor dos campos de futebol, fato é que as pessoas lá estavam, e em número cada vez maior. Quem eram esses sujeitos, e por quais motivos ocupavam aquele espaço? Ainda que os periódicos reverberassem as práticas sociais de um grupo distintivo, não seria equivocado inferir que o entorno dos campos de futebol se destinavam mesmo a

¹¹ A EPOCHA. Belo Horizonte, 20 nov. 1904. Seção As Farpas, p. 2.

¹² Victor Andrade de Melo aponta indícios importantes, que caracterizaram esse movimento no início do século XX. Para o autor, as vivências de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendi*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas.

¹³ MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007. p. 52.

¹⁴ MELO, 2007, p. 52.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

uma assistência constituída pela família, pelas “senhoras e senhorinhas”, pelos *sportmen*, bem como, de forma crescente, pela classe política da Capital, intitulada de “mundo oficial”. Esse universo de atores representava o high-life belorizontino, tornado público através dos periódicos.

Após 1910, o futebol começava a apresentar mudanças, que iam desde o aumento da popularidade até a apropriação de algumas posturas diferenciadas, tanto dos “foot-ballers”¹⁵ quanto da assistência. A fundação do “Yale Athletic Club”, em 1910, é emblemática deste momento. Representava, aos olhos da imprensa local, uma “sociedade formada dos melhores elementos sportivos desta Capital”¹⁶. Embora formada, segundo a própria nota que anunciava a sua aparição, por um “numerioso grupo de rapazes, pertencentes na maioria ao operariado desta Capital”¹⁷, o clube do Barro Preto seguiu a lógica de um grupo distintivo, mesmo com uma composição mais heterogênea do seu quadro social.

O Yale passava então a ser um agente promotor e difusor do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades. Um jogo, em especial, refletia o novo momento do futebol em Belo Horizonte. Apresentado como “Um Grande Match de Foot-Ball”, a partida entre o Yale e o Morro Velho despertava grande interesse por parte do *Minas Geraes*, enfatizando na sua nota que:

Para maior brilhantismo da festa, o *ground* da avenida Paraopeba passou por notável transformação material, não só de terraplanagem, como em tudo mais que se tornava necessária para o conforto do grande publico alli esperado. Varios pavilhões e archibancadas foram contruidos, dando ao campo um aspecto novo, de local para diversões ao livre. [...] Conta com a presença do exmo. sr. Bueno Brandão, presidente do Estado, dos seus secretarios e do prefeito dr. Olyntho Meirelles, aos quaes o club mandou convidar por commisões especiais. [...]. A festa tem despertado extraordinario entusiasmo entre os “sportmen” daqui e de Morro Velho, de onde vêm innumeras pessoas especialmente para assistir á lucta entre os dois clubs, cada qual com os seus partidários mais extremados¹⁸, que fazem grandes apostas sobre o resultado do jogo.¹⁹

O texto do periódico oficial do Estado traz uma série de conotações importantes quanto à ocorrência de práticas até então não percebidas, em relação principalmente ao público assistente. A preocupação com “melhorias materiais”, no intuito de maior comodidade ao “grande público esperado”, dava a idéia de uma outra valorização desta prática no começo da década de 1910. A compreensão do evento como uma “diversão ao

¹⁵ Expressão utilizada na época para designar os jogadores de futebol.

¹⁶ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 07 ago. 1910. Seção Festas e diversões, p. 6.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ Grifó nosso. A expressão “partidários extremados” sugere a primeira conotação de um vínculo afetivo do público assistente para o clube, embora não indique nenhum comportamento diferenciado por parte dos assistentes.

¹⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

ar livre” também indica a forte relação estabelecida do futebol como um fato social, público, possibilitado na concepção do divertimento.

Ressalta ainda a presença (cada vez mais comum) do “mundo oficial” da Capital, com a presença do presidente do Estado (Governador), do Prefeito de Belo Horizonte e de vários secretários. Ao final, o autor da nota aponta um fato marcante e central: ao dizer do grande entusiasmo das pessoas para com a “lucta”, ele destaca os “partidários mais extremados dos dois clubs”, uma clara referência ao surgimento de um sentimento mais intenso do sujeito para com os “teams”, chegando ao ponto de realizar “grandes apostas sobre o resultado do jogo”.

Essa popularidade que o futebol vinha conquistando trazia, para os grupos que até então detinham o seu controle, acontecimentos não previstos (e certamente não desejados). Nesse mesmo jogo entre Yale e Morro Velho, os ecos do acontecido expunham uma situação que bem demonstrava a força de expansão popular que o futebol adquirira. Ao narrar o evento, o periódico afirmava que “a festa despertou vivo interesse e sympathy em nosso meio, affluindo ao “ground” da avenida Paraopeba um publico tão numeroso como ainda não vimos em qualquer outra diversão realizada nesta Capital”²⁰.

Denotando a idéia de espetáculo (que também começava a nortear, mais intensamente, as festas esportivas do futebol), o entusiasmado jornalista mostra que “as archibancadas do campo, lindamente ornamentadas de escudos e bandeiras, estavam repletas de famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade”²¹, e não se esquece, obviamente, de enfatizar: “assistiam, de camarotes especiaes, o dr. Julio Bueno Brandão Filho e tenente-coronel Vieira Christo, representando o exmo. sr. Presidente do Estado, o dr. Olyntho Meirelles, prefeito da Capital e os representantes dos Secretarios do Governo”²². Todo este espetacularizado universo, aparentemente apropriado pela camada social da elite, começava também a receber a presença de outras pessoas, apontadas com menor evidência (e às vezes nem sequer evidenciadas). Como mostrava o jornal,

Notava-se ainda ao longo da avenida, fóra do recinto, uma grande aglomeração de populares, que acompanharam, cheios de entusiasmo, as peripecias da lucta, applaudindo, em delirio, os valentes “foot-ballers”, a cada golpe de mestre vibrado por algum dos jogadores.²³

A “aglomeração de populares” é o indício mais esclarecedor quanto à participação de pessoas não ligadas a grupos privilegiados, na assistência. Embora essa presença começasse a ser notada, o lugar destinado a ela não deixava de ser explicitada: “fóra do recinto”. Mesmo impedidos de entrar, “os de fora” não se eximiam de acompanhar “as peripécias da lucta” travadas nos “grounds de football” da cidade.

O Club Athletico Mineiro, juntamente com o Yale, assumia uma importante função no desenvolvimento e na apropriação do futebol na cidade. Fundado em 1908, por

²⁰ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

²¹ *Idem.*

²² *Idem.*

²³ *Idem.*



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

estudantes e acadêmicos, o Athletico vai se consolidando ao longo dos anos, se distinguindo dos clubes efêmeros que marcaram a primeira fase do esporte na Capital. Uma importante demonstração do apelo popular emanado pelo clube pode ser percebida em 1912, quando o Athletico começava a sua fase de expansão. Em uma partida realizada contra o Gramberriense, da cidade de Juiz de Fora, a repercussão explicitada nos jornais não foi discreta, chegando a se descrever desta forma o embate esportivo:

Correu animadissimo o “match” hontem à tarde, travado entre o “Gramberriense” e o “Athletico”. Os destemidos “sportmen” do Grambery, reforçados no ataque e na defesa, ardilosos e calmos nos “passes”, tiveram varias vezes os applausos dos assistentes, entre os quaes figuravam distinctas familias da nossa alta sociedade e innumerous dilletanti. [...]. O “match” despertou grande interesse entre os apreciadores do “foot-ball”, sendo assistido por mais de 1000 pessoas, que acompanharam, com vivo interesse, as varias peripecias da animadissima partida. Entre os presentes, vimos o sr. dr. Pedro Carlos da Silva, representando o sr. dr. Delfim Moreira, secretario do interior.²⁴

Um aspecto particularmente interessante é a presença do público feminino, desde as primeiras manifestações de ocorrência do futebol na cidade. Presença que, embora ao longo do tempo vá se reconfigurando, se mantém regular e constante. Na perspectiva de assistência, a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva. Na partida realizada entre o “Estrada and Athletic Club” e o “Sport Club”, em 1905, a presença das senhoras no campo não passava sem a devida atenção:

O campo apresentava um aspecto garrido, todo circundado de galhardetes e bandeirolas. Que este genero de sport já se introduziu definitivamente entre nós, prova-o a grande concurrencia de espectadores, e principalmente de senhoras, que affluiram, ante-hontem, ao Campo Novo, emprestando, por alguns momentos, áquelle logar quase sempre ermo, o brilho das suas ricas *toilettes* e da sua graça.²⁵

Essa presença feminina nos campos horizontinos não parecia se diferenciar muito de outras importantes cidades. Como Capital da República à época, o Rio de Janeiro ditava os modos e costumes vigentes, e acabava por influenciar a recém-criada Capital mineira. Neste aspecto, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira aponta, em seus estudos sobre o futebol no Rio de Janeiro, que “lotadas de cavalheiros e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas”.²⁶

O caráter *décor*, posto na funcionalidade da presença feminina aos jogos de futebol, tendia a permanecer à medida que a lógica da assistência, distanciada da paixão clubística, prevalecia nos “matches de football”. Obviamente a mulher representava, assim como a banda de música, um atrativo atrelado à idéia do espetáculo esportivo, cada vez mais intensa, ainda na ausência do pertencimento clubístico.

²⁴ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 13-14 maio 1912. Seção Festas e diversões, p. 7.

²⁵ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 9-10 jan. 1905. Seção Festas e diversões, p. 4.

²⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 74.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

A partir de 1915, com a vida esportiva da cidade impulsionada pela criação da Liga Mineira de Sports Athleticos, o futebol era alçado à popularidade absoluta. Ainda que outras modalidades merecessem breves comentários nos periódicos, é de fato o futebol que absorvia a quase totalidade das notas referentes ao mundo esportivo da Capital. Pistas deixadas pelos periódicos corroboram essa efervescência do futebol na cidade, já anunciado como uma prática de divertimento predileta. Ao informar sobre a realização de uma partida entre o America Foot-Ball Club e o Morro Velho Athletic Club, o cronista não escondia a enorme expectativa projetada no evento:

Esta noticia constituirá, por certo, motivo de grande regosijo para os amantes do emocionante “sport”, que já tem lugar de preferencia entre as festas ao ar livre. Por isso, as archibancadas do Prado, onde provavelmente se realizará a partida, serão pequenas para conter a assistência que é para se esperar.²⁷

Assim, o primeiro campeonato de futebol de Belo Horizonte, organizado sob os auspícios de uma Liga representativa, concentra e atrai a atenção de grande parte da população belorizontina. Neste campeonato ocorre o movimento mais contundente da passagem de uma assistência onde a paixão clubística era menos evidente, para a construção de um sentimento arraigado por um clube, onde a idéia (e a palavra) de torcedor(a) começavam a se forjar, de maneira mais consistente. O aumento da popularidade (a assistência já não era mais restrita a grupos distintivos), e o incremento da rivalidade e da competição favoreciam a constituição do ethos de torcedor. Embora essa passagem ocorra de forma lenta, alguns indícios apontavam na direção desse fenômeno.

A realização de partidas onde os combinados de um outro Estado enfrentavam a esquadra mineira acabava por realçar o sentimento de pertencimento nos habitantes da cidade. Tida como a principal praça esportiva do país, o Rio de Janeiro se apresentava como o mais importante “rival” dos mineiros, e gestava um sentimento que extrapolava os limites anteriormente construídos nos embates esportivos da Capital, inaugurando a ocorrência de condutas desviantes. Ainda que sutilmente, estes comportamentos podem ser captados em algumas notas dos periódicos.

Na partida entre o “scratch horizontino” e o “scratch carioca”, em 1914, que contou “com a presença de um grande numero de cavalheiros e de familias de nossa sociedade, e à qual compareceram também todos os amadores do ‘foot-ball’, residentes nesta Capital”, a assistência agiu como o esperado (e desejado), ao aplaudir “ruidosa e entusiastamente os ‘players’ cariocas”; porém, a mesma assistência não titubeou em se manifestar a favor do “seu” *scratch* favorito, “protestando tambem algumas vezes contra o procedimento do juiz”.²⁸

Das pequenas vaias para algo maior não tardaria. Quando a reportagem do jornal “O Bello Horizonte”, estampou em letras maiúsculas o título “Um grande escandalo no Prado Mineiro – Um jogador apedrejado e vaiado – O sr. Moacir Chagas escoltado por quatro soldados do esquadrão”, inaugurou-se um comportamento do público assistente até

²⁷ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 out. 1915. Seção Festas e diversões, p13.

²⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte. 21 out. 1914. Seção Festa e Diversões, p. 5.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

então inexistente (e impensável, dentro da lógica do modelo fidalgo e burguês de se portar). Um trecho da nota relatava:

Deu-se hontem no Prado Mineiro, por ocasião do “match” alli realizado, um grande escandalo, provocado por um “sportmans”. [...] No descanso, o sr. Moacyr, tendo forte altercação com um dos seus adversarios de jogo, deu-lhe uns pescoções, estabelecendo entre ambos um grande escandalo, sendo necessaria a intervenção de populares. Os espectadores indignaram-se com o procedimento desse moço e vaiaram-no. Ao terminar o jogo os assistentes do “match” quizeram apedrejal-o, no que a policia não consentiu. Acompanhou-o pois, até a sua residencia uma escolta de cavallaria, composta de quatro soldados.²⁹

A referência dada ao ocorrido como um “grande escandalo”, bem demonstra o quanto se recriminava os comportamentos que desrespeitavam os códigos de conduta moralmente adequados da época. Esses comportamentos desviantes vão permear, de forma cada vez mais constante e intensa, o universo do futebol na Capital, sendo objeto de maior atenção no próximo capítulo.

Um outro importante indício encontra-se na aparição do termo “torcida”³⁰, nos periódicos. A primeira referência encontrada, que utilizou esta nova palavra para designar o público espectador dos jogos de futebol, foi encontrada no *Minas Geraes*, em setembro de 1915. Ao anunciar o encontro entre os “teams” do Athletico e do Yale, o jornalista lança mão do termo *torcida*, no intuito de caracterizar os grupos de espectadores com predileção por uma das equipes disputantes. Na íntegra, o texto da nota narra:

O “field” do prado Mineiro, domingo, será, certamente, pequeno, para conter o numero consideravel dos que apreciam as boas partidas do “association”. Batem-se os “teams” do Athletico e do “Yale”, os dois mais fortes concorrentes do presente campeonato. Dadas as condições de “treno” em que se acham as

²⁹ O BELLO Horizonte. Belo Horizonte, p. 2, 02 ago. 1915.

³⁰ Não foram encontradas fontes comprobatórias sobre a origem do sentido da palavra “torcida” para designar um grupo de pessoas com identificação afetiva a um determinado clube. No entanto, algumas versões puderam ser identificadas. Dentre elas, duas se destacam. Uma, assim explicada pelo jornalista Luiz Mendes, em uma entrevista publicada no periódico *Memória da Imprensa Carioca*: “No começo do futebol, ir ao estádio era um ato de elegância, principalmente, no Fluminense. Por isso o Fluminense até hoje tem essa fama de clube aristocrático. As mulheres se enfeitavam como se fosse ao Grande Prêmio Brasil, colocavam vestidos de alta costura, chapéus, luvas. Mesmo que a temperatura na cidade estivesse por volta dos 40° de temperatura, elas iam de luvas. Como o calor era muito grande, elas tiravam as luvas e ficavam com as luvas nas mãos, e como ficavam nervosas com o jogo, elas as torciam ansiosamente. Os homens usavam a palheta, um chapéu de palha muito comum na época, muito elegante e também ficavam com o chapéu na mão enquanto torciam. O Coelho Neto, que além de poeta e cronista era pai de dois jogadores do Fluminense escreveu uma crônica em que ele usava a expressão ‘as torcedoras’, referindo-se às mulheres e dali a expressão pegou e nasceu a torcida”. Uma outra versão, corroborada pelo historiador brasileiro Nicolau Sevckenko, aponta para o significado do termo *torcida* pela torção corporal que o sujeito apaixonado realiza ao acompanhar os lances de uma partida do seu time. No entanto, não há uma referência precisa de *quando* o termo passa a ser incorporado pelos sujeitos sociais. Porém, a palavra “torcida” tem aplicação genuinamente brasileira. Não existe, em nenhum outro país, um termo que tenha similaridade semântica ao ato de torcer por um clube. Em Portugal, os torcedores são identificados como “adeptos”, termo ligado à religiosidade. Na Espanha, a palavra “hinchas” corresponde às pessoas que se “inflam” de paixão por uma equipe. Em inglês, os fanáticos (*fans*) ou os sujeitos que dão apoio a um time (*supporters*) é que definem o termo análogo ao torcedor brasileiro.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

“equipes” dos dois “clubs”, impossível será fazer-se um prognóstico. Sera, pois, uma bella tarde, proporcionada aos amantes do violento “sport”, pelo que, certamente, concorrerão as “torcidas” dos dois clubs, ao bello “ground” do Prado Mineiro.³¹

Um fato interessante está no estranhamento do termo torcida. Percebe-se, no texto, várias palavras entre aspas. Estas, com exceção do termo *torcida*, são assim marcadas por representarem um estrangeirismo, notadamente termos ingleses usados no universo do futebol no período. A aspa posta na palavra torcida significava que a mesma, por não pertencer ao vocabulário usual das pessoas, deveria então vir destacada como forma de demarcar o novo, o desconhecido.

A idéia de “torcer” começava então a se configurar à medida que a identificação com os clubes aumentava, principalmente nas disputas em campeonatos que se organizavam cada vez mais sistematicamente. Um destes importantes clubes, que contribui para o desenvolvimento desta nova lógica, é o America Foot-Ball Club. Fundado em 1912, o America surgiu como um clube de garotos aristocráticos, e rapidamente se inseriu na vida esportiva da Capital. Juntamente com o Yale e o Athletico, adquiria o título de “time grande”, e começava a construir a história dos confrontos que desembocariam na dimensão rival entre eles.

A gênese da rivalidade (que inaugura a lógica do pertencimento) se dá centralmente pelos embates travados entre estes dois clubes, que além de contar com uma maior penetração social na cidade, naquele momento, se encontravam fortemente atrelados a grupos sociais elitistas, que os dirigiam. Neste sentido, a lúcida contribuição do historiador Raphael Rajão reforça a ocorrência desta dinâmica, ao afirmar que:

O desenrolar dos campeonatos aprofundou o antagonismo entre alguns clubes de Belo Horizonte, especialmente entre o *Athletico*, campeão de 1915, e o *América*, a quem coube a vitória em 1916 e 1917. [...] Tal situação evidenciava as ambigüidades entre a busca de uma conduta social pautada em referenciais de racionalidade e impessoalidade e a constituição da paixão em torno do futebol.³²

Apesar de possuir elementos identificadores do torcer, este período sugere um marco transitório. Concomitante ao aparecimento de condutas desviantes, de termos próprios e da afeição pelos clubes, ainda é possível captar, em 1915, um cenário bastante próximo ao de anos anteriores, quando a assistência elitizada e distintiva era preponderante. O encontro do Athletico Mineiro, da Capital, com o Grambery, da cidade de Juiz de Fora, é bastante representativo desta lógica. Na imprensa, esse embate esportivo foi assim apresentado:

Conforme estava anunciado, realizou-se ante-hontem, no “ground” do Prado Mineiro, o “match” de “foot-ball”, entre as “equipes” do “Athletico Mineiro” e a do “Sport Club Gramberyense”, de Juiz de Fora. Foi um dos encontros mais concorridos a que temos assistido nesta capital, calculando-se, sem exaggaro,

³¹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 set. 1915. Seção Festas e diversões (Campeonato de Foot-Ball), p.6.

³² RAJÃO, 2007, p. 84.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

em cerca de mil pessoas que presenciaram o jogo, sobresahindo-se inúmeras senhoras e senhorinhas da nossa elite. [...] ³³

As evidências da popularidade (“cerca de mil pessoas” – Belo Horizonte ainda não atingira 40.000 habitantes em 1915) conviviam com as demonstrações de um divertimento ainda restrito (“senhoras e senhorinhas da nossa elite”). A revista *Vida de Minas*, que refletia a vida do *high-society* mineiro, na sua seção “Vida Sportiva”, ilustrava a representação construída acerca desse acontecimento. É emblemática a atenção dada, nas imagens, não apenas aos jogadores e ao campo, mas também no “aspecto das archibancadas”, reforçando a idéia da festa, da exposição pública e do espetáculo, não apenas esportivo, mas também e principalmente social.

Os indícios demonstraram, neste primeiro momento, um movimento oscilatório de inserção do futebol na cidade de Belo Horizonte, e conseqüentemente, da constituição das torcidas. Passando por uma fase marcadamente caracterizada pela assistência elitizada e sem demonstrações explícitas de afeto pelos clubes de futebol, na segunda metade da década de 1900, até o surgimento de pequenas e significativas mudanças no modo de se portar nas arquibancadas, na primeira metade da década seguinte, os textos da imprensa belo-horizontina refletiam a incontestável presença da nova prática social na rotina de parte dos moradores da cidade de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

COUTO, Euclides de Freitas, *Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927)* In: Simpósio da Associação Nacional de História, 2007, São Leopoldo-RS. *Anais...* Disponível em <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Euclides%20de%20Freitas%20Couto.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2009.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006.

³³ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 set. 1915. Seção Festas e diversões (Sports), p.6.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.